

# A experiência da mulher na literatura medieval, moderna e contemporânea

Gabriela da Silva Targino Almeida<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo visa promover um panorama da história das mulheres nas letras, sustentando-se em três períodos históricos: a idade média, o período pré segunda guerra mundial e o período pós segunda guerra mundial. À vista disto, fundamenta-se nas obras de Christine de Pizan, Virgínia Woolf e Elena Ferrante, três escritoras que, em suas obras, discutem o papel da mulher na literatura.

**Palavras-chave:** panorama histórico; feminismo; cânone literário

**Abstract:** This article aims to promote a history panorama of woman in letters, based on three historical periods: the middle ages, the pre second world war period and the post-World War II period. Therefore, it is based on the works of Christine de Pizan, Virginia Woolf and Elena Ferrante, three writers who, in their works, discuss the role of women in literature.

**Keywords:** historical panorama; feminism; literary canon

---

<sup>1</sup> Estudante de Letras Português/Francês, pela Universidade Federal de São Paulo. E-mail: gabriela\_liania@hotmail.com

Este artigo pretende tratar a respeito do lugar ocupado pelas mulheres e pelo feminismo na literatura e nos saberes, baseando-se, para este fim, em um panorama sustentado por três períodos históricos: a idade média, o pré-segunda guerra mundial e o pós-segunda guerra mundial.

O revés do espaço da mulher, na sociedade e nas expressões artísticas, regressa, categórico, à modernidade, após séculos de silenciamento durante a Idade Média e o Antigo Regime.

Na literatura, que é, neste texto, o âmbito ao qual me dedico, questiona-se a respeito do espaço das mulheres, além de indagar sobre a representação do sexo feminino no cânone.

É certo que a literatura não pode ser desvinculada da experiência humana, isto é, todos os preceitos estabelecidos na sociedade e reproduzidos por esta, são impressos na arte. O primeiro nada mais é do que a repetição do segundo, como explica Antônio Cândido em “O Direito à Literatura”:

Por isso é que em nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas (CANDIDO, 2014, p. 175).

Entretanto, apesar do antagonismo da ordem patriarcal, o feminismo chegará à literatura, e, inesperadamente, muito antes da modernidade.

É a Idade Média, período reconhecido por grande repressão dos saberes e das artes, por parte da Igreja Católica, sobretudo tratando-se de mulheres, que dá luz à primeira mulher francesa capaz de se sustentar através de suas obras.

Christine de Pizan, natural da Itália, denunciou a misoginia que circundava o meio literário, além de, vigorosamente, defender o direito da mulher à educação, que, até então, era um ofício apenas para homens.

A respeito do trabalho intelectual de Pizan, Lucimara Leite, doutora pela Universidade de São Paulo, pontua:

Seu objetivo era fazer com que os homens saíssem de sua ignorância em relação às mulheres e também que os exemplos e conselhos apresentados em suas obras pudessem servir de espelho para outras mulheres. Christine luta contra o sentimento de misoginia existente na época com o objetivo de restabelecer a moral feminina (LEITE, 2008, p. 13-14).

“A Cidade das Damas”, texto de 1405, é reconhecido como uma construção de memória acerca do papel desempenhado pela mulher medieval, além de ser uma das mais relevantes obras da autora. Nela, com a ajuda de três damas (Dama Razão, Dama Justiça e Dama Retidão), a narradora constrói uma cidade utópica, com a finalidade de defender as mulheres das ameaças representadas pelo patriarcado.

A figura da mulher, tão liquidada e submissa em razão da repressão do período e das próprias leis religiosas, na obra de Pizan, é exaltada através da mitologia greco-romana, de ícones femininos e de lendas, algumas bíblicas, outras não, que são recontadas pela autora.

Esta é, também, uma obra reconhecida pela defesa do direito das mulheres aos saberes literários, religiosos e científicos, sendo este um dos mais importantes aspectos do texto.

A educação para o sexo feminino no período medieval, era inteiramente voltada para os ofícios do lar, o que Lucimara Leite chamará, em sua tese, de “conhecimento prático”: segundo Leite, uma mulher deveria saber administrar o próprio lar. Se a casa conta com o serviço de empregados, cabe à mulher saber orientá-los. Das letras e das ciências, muito pouco sabiam, uma vez que seu papel se resumia aos cuidados com os filhos e ao zelo pelo casamento.

Para construir um argumento que objeta a defesa de uma educação ordinária para mulheres, Pizan parte do ideal de equidade entre os sexos. Partindo disto, ela questionará o consenso de que os saberes corrompem a natureza feminina. Segundo ela, é insensato pensar que o conhecimento subverte as mulheres, uma vez que estudar os saberes é estudar a verdade, que é, por excelência, virtuosa.

Por isso, posso entender que nem todas as opiniões masculinas são fundadas na razão e que eles estão enganados. Como se pode pensar que o conhecimento das doutrinas morais, que ensinam a virtude, corrompem costumes? Sem sombra de dúvidas, é o contrário aperfeiçoa-os e os torna mais nobres (...) Nem todos os homens, e, principalmente os mais cultos, compartilham a opinião de que é mau a educação para mulheres. É verdade que muitos dentre os menos instruídos as acusam pois iria irritá-los muito saber que as mulheres poderiam saber mais do que eles (PIZAN, 2006, pg. 259).

A produção literária nesta data é, quase que inteiramente, trabalhos de homens. A relevância de um texto como o de Christine de Pizan, à vista da defesa dos direitos das mulheres, é, portanto, imponente. Pizan é uma mulher que escreve sobre e para mulheres. Suas obras, deste modo, são um grande marco para a literatura e uma referência para o feminismo.

Contudo, é importante acentuar a conjuntura de Christine de Pizan naquele espaço: filha de um professor universitário, e, mais tarde, intelectual da corte francesa, a autora teve o incentivo da família para dedicar-se ao estudo das letras, circunstância extremamente rara no período histórico em questão. A parte isto, sua condição financeira e social também colaborou para um contato mais íntimo com o universo intelectual. À vista disso, é essencial que se tenha a compreensão de que as mulheres que estavam à margem do glamour da corte e da comunidade letrada, não eram contempladas pelos arrojados ideais de Christine de Pizan. São estas, mulheres que coabitam com a custosa condição da miséria, em um tirânico regime de servidão, sustentado pelos dogmas religiosos.

Da Idade Média para os anos de 1900, a literatura se transfigurou. De certo modo, a condição feminina, também. Contudo, nós, mulheres, não nos vimos livres do falso moralismo do passado, que nunca deixou de nos assombrar. Simone de Beauvoir, ícone do movimento feminista, disse que “basta uma crise política, econômica e religiosa para que os direitos das mulheres sejam questionados”.

O direito ao voto, à independência, à educação e ao trabalho intelectual foram avanços que conquistamos, penosamente, ao longo destes séculos. Mas o mundo não deixou de ser dos homens. Sobretudo, a literatura não deixou de ser um ambiente, predominantemente, masculino. No cânone, a vida da mulher é, ainda, retratada através de experiências que não são nossas.

Gradualmente, levantamos um espaço para o nosso sexo dentro do meio literário. E uma das mulheres de maior contribuição para a edificação deste lugar, foi a escritora inglesa, Virgínia Woolf (1882-1941).

Woolf é dos maiores emblemas do modernismo inglês. Utilizando-se do fluxo de consciência como um instrumento de narração, a sua literatura é a literatura do cotidiano, sobretudo, do cotidiano da mulher do seu tempo.

Para falar da condição feminina e defender suas convicções, Pizan serve-se de recursos narrativos e do gênero que eram considerados nobres na época em que viveu: influenciada pela Antiguidade Clássica, Pizan faz alusão a deuses e criaturas mitológicas, além de fazer menção, em inúmeras passagens, ao Deus cristão. A narrativa de “A Cidade das Damas” aproxima-se, em diversos aspectos, das epopeias greco-romanas, o gênero dos temas elevados.

Contrariamente, os romances de Virgínia Woolf são uma exibição do costumeiro, uma caracterização minuciosa da própria vivência. As cidades, a geopolítica, a economia, as relações de trabalho, a família, os valores preconizados, todos estes temas estão presentes em

suas obras, diluídos em insondáveis reflexões sobre o mundo, sobre a vida, sobre os seres humanos, como quem simplesmente relata e nos diz: no meu tempo, as coisas eram assim.

Sendo ela, além de tudo, extremamente engajada com as questões sociais de seu tempo, foi também uma defensora das pautas feministas, o que refletiu em sua produção como intelectual e escritora de ficção.

Em Mrs. Dalloway, considerada por muitos estudiosos a sua obra prima, a personagem-título divaga, em inúmeras passagens, sobre o enfado que sente acerca da sua condição de mulher, logo, de mãe, esposa e dona de casa: Clarissa queria viver a vida como os homens, queria amar como os homens, falar de política como os homens falavam.

Oh se ela pudesse ter sua vida de volta! pensou parando na calçada, pudesse ter até outra aparência! Seria, em primeiro lugar, morena como Lady Bexborough, lenta e majestosa; mas pra robusta; **interessada em política como um homem**; com uma casa de campo, muito digna, muito sincera. (...) Tinha a sensação estranhíssima de ser invisível, de não ser vista; ignorada; agora não existindo mais casamento, não existindo mais filhos, mas apenas esse avanço surpreendente e bastante solene com os outros, subindo a Bond Street, sendo Mrs Dalloway; nem sequer mais Clarissa; sendo Mrs. Richard Dalloway (WOOLF, 2012, p. 17; grifo meu).

No prefácio escrito para este mesmo livro, Woolf nos diz que “não existe nada mais fascinante do que se enxergar a verdade por trás daquelas imensas fachadas de ficção - isso se de fato, a vida for verdadeira e se a ficção for de fato fictícia.” (WOOLF, 2012, pg. 5).

Além de romances, Virgínia Woolf escreveu ensaios e artigos, muitos destes falando sobre o lugar ocupado pela mulher como escritora. Aqui, destaco “Um Teto Todo Seu”, uma divagação da autora sobre mulheres na ficção literária, no qual ela reafirma as implicações causadas na literatura, pela ordem patriarcal.

As mulheres não usufruíam - e desconfio que, até hoje, não usufruam da mesma liberdade dos homens. A condição de nascer mulher previa a submissão casamento, aos filhos, ao lar, e, sobretudo, à dependência, financeira e emocional, de um indivíduo masculino. É por esta razão que não víamos seus sobrenomes impressos nas capas dos livros, tratando-se não de uma falta de competência para as letras, mas, sim, de uma falta de oportunidade para construírem carreiras através deste ofício.

Ainda dentro desta temática, Virgínia Woolf registra no artigo “Profissão Para Mulheres”:

E, quando eu estava escrevendo aquela resenha, descobri que, se fosse resenhar livros, ia ter de combater um certo fantasma. E o fantasma era uma

mulher, e quando a conheci melhor, dei a ela o nome da heroína de um famoso poema, “O Anjo do Lar”. Era ela que costumava aparecer entre mim e o papel enquanto eu fazia as resenhas. Era ela que me incomodava, tomava meu tempo e me atormentava tanto que no fim matei essa mulher. Vocês, que são de uma geração mais jovem e mais feliz, talvez não tenham ouvido falar dela – talvez não saibam o que quero dizer com o Anjo do Lar. Vou tentar resumir. Ela era extremamente simpática. Imensamente encantadora. Totalmente altruísta. Excelente nas difíceis artes do convívio familiar. Sacrificava-se todos os dias. Se o almoço era frango, ela ficava com o pé; se havia ar encanado, era ali que ia se sentar – em suma, seu feitio era nunca ter opinião ou vontade própria, e preferia sempre concordar com as opiniões e vontades dos outros. E acima de tudo – nem preciso dizer – ela era pura. Sua pureza era tida como sua maior beleza – enrubescer era seu grande encanto. Naqueles dias – os últimos da rainha Vitória – toda casa tinha seu Anjo. E, quando fui escrever, topei com ela já nas primeiras palavras. Suas asas fizeram sombra na página; ouvi o farfalhar de suas saias no quarto. Quer dizer, na hora em que peguei a caneta para resenhar aquele romance de um homem famoso, ela logo apareceu atrás de mim e sussurrou: “Querida, você é uma moça. Está escrevendo sobre um livro que foi escrito por um homem. Seja afável; seja meiga; lisonjeie; engane; use todas as artes e manhas de nosso sexo. Nunca deixe ninguém perceber que você tem opinião própria. E principalmente seja pura” (WOOLF, 2012, p. 11-12).

Entretanto, é necessário que, novamente, se compreenda a condição social de Virgínia Woolf, que desfrutava dos mesmos privilégios que Christine de Pizan. Foi, portanto, uma mulher que teve condições para estudar, e, ademais, teve, também, condições para produzir literatura, conjuntura que ela própria reconhece no artigo anteriormente mencionado.

Mas vamos à minha história – ela é simples. Basta que vocês imaginem uma moça num quarto, com uma caneta na mão. Só precisava mover aquela caneta da esquerda para a direita – das dez à uma. Então ela teve uma ideia que no fundo é bem simples e barata – enfiar algumas daquelas páginas dentro de um envelope, colar um selo no canto de cima e pôr o envelope na caixa vermelha da esquina. Foi assim que virei jornalista; e meu trabalho foi recompensado no primeiro dia do mês seguinte – um dia gloriosíssimo para mim – com uma carta de um editor e um cheque de uma libra, dez xelins e seis pences. Mas, para lhes mostrar que não mereço muito ser chamada de profissional, que não conheço muito as lutas e as dificuldades da vida de uma mulher profissional, devo admitir que, em vez de gastar aquele dinheiro com pão e manteiga, aluguel, meias e sapatos ou com a conta do açougueiro, saí e comprei um gato – um gato lindo, um gato persa, que logo me criou sérias brigas com os vizinhos (WOOLF, 2012, p. 10-11).

Quando chegamos à contemporaneidade, mulheres de outros espaços sociais conseguem falar de si mesmas através de produções artísticas. A literatura, agora, é menos hostil a elas do que foi outrora e considero isto um fruto do respeitável e necessário combate, protagonizado por mulheres de outro tempo.

Neste contexto, quero destacar duas personagens da tetralogia assinada pelo pseudônimo italiano, Elena Ferrante. Apesar de serem mulheres fictícias, ambas dizem muito a respeito da profissão de escritora na conjuntura atual e, também, dizem sobre os assuntos que estão sendo trazidos à tona por mulheres deste ofício.

Elena Greco (Lenù) e Raffaella Cerullo (Lila) nasceram e cresceram em um bairro periférico da cidade de Nápoles. As duas meninas são alunas de grande destaque na escola fundamental e possuem um vínculo especial, tanto com a leitura, quanto com a produção literária.

Para saírem da miséria e da vida de privação que levam, começam, desde muito crianças, a fazerem inúmeros planos que visavam a estabilidade financeira. Foi quando Lila teve a ideia de escrever um livro.

Naquele último ano da escola fundamental, a riqueza se tornou nossa ideia fixa. Falávamos dela como nos romances se fala da caça ao tesouro. Dizíamos: quando ficarmos ricas, faremos isso e aquilo (...) A riqueza era sempre um brilho de moedas de ouro trancadas em cofres inumeráveis, mas para alcançá-la bastava estudar e escrever um livro (FERRANTE, 2015, p. 37).

Quando terminam os anos da escola fundamental, apenas Lenù segue dedicando-se aos estudos - a família de Lila não a permite continuar. Ainda assim, Lila, ainda quando criança, escreve a sua própria história, a qual ela nomeia “A Fada Azul”.

Quando adultas, Elena, casada com um renomado professor universitário, segue a carreira de escritora. Quanto a Lila, separa-se do marido para viver com outro homem, numa relação informal e trabalha, em condições rigorosas e abusivas, na fábrica de um antigo colega, para sustentar o filho.

Num dado momento do romance, Elena reencontra o manuscrito de “A Fada Azul”. Quando o entrega a Raffaella, numa atitude indiferente, ela o joga em uma fogueira.

Lila não tem tempo para os devaneios da infância: mãe solteira, numa situação de miséria, só tem o direito de pensar no que colocará na mesa no dia seguinte. É uma amostra daquilo que Virgínia Woolf nomeou “mulher profissional”.

Agora, casada, Elena, que foi uma exceção à regra imposta pelo seu ambiente de origem, conhecerá o fado ao qual às mulheres são predestinadas: esposa, dona de casa e mãe de duas meninas, será impelida a abandonar a produção intelectual, condição com a qual a personagem não se conforma.

Por que, então, eu estava patinando na mediocridade? Por culpa do casamento? Por culpa da maternidade e de Dede? Por que eu era mulher por que precisava cuidar da casa e da família e limpar merda e trocar fraldas? (FERRANTE, 2016, p. 243-244).

É neste momento que Elena se reconhecerá na imagem de mulher adulta, que inferiu ainda quando adolescente, e da qual, de todas as maneiras, ela tentou se distanciar, sem sucesso.

Sem uma razão evidente, comecei a olhar com atenção para as mulheres ao longo da estrada. De repente, me veio a impressão de ter vivido com uma espécie de limitação do olhar (...). O único corpo de mulher que eu tinha examinado com crescente preocupação era a figura claudicante de minha mãe, e **apenas por aquela imagem me sentira perseguida, ameaçada, temendo até agora que ela se impusesse de chofre à minha própria imagem**. Naquela ocasião, ao contrário, vi nitidamente as mães de família do bairro velho. Eram nervosas, eram aquiescentes. Silenciavam de lábios cerrados e ombros curvos ou gritavam insultos terríveis aos filhos, que as atormentavam. Arrastavam-se, magérrimas, com a face e os olhos encavados, ou com traseiros largos, tornozelos inchados, as sacolas de compras, os meninos pequenos, que se agarravam às suas saias ou queriam ser levados no colo. E, meu Deus, tinham dez, no máximo vinte anos a mais que eu. (FERRANTE, 2016, p. 80, grifo meu)

Parece-me que a tetralogia de Elena Ferrante descreve, inteiramente, na forma de ficção, todas as estorvos elencados por Virgínia Woolf em seus artigos acerca da condição das mulheres no meio intelectual.

Ademais, os quatro volumes de Ferrante evidenciam pautas de grande relevância para o movimento feminista pós segunda guerra mundial, como a submissão à figura masculina, a violência doméstica, o combate ao posicionamento nazifascista, a maternidade, o assédio moral e sexual e a pedofilia, que demonstram uma agenda mais inclusiva.

Os romances também edificam, a partir do terceiro volume, um feminismo que evoca a imagem da mulher como referência, dando ao movimento um caráter mais coletivo.

Chegou o momento de estudarmos como mulheres, e não como homens; por trás de toda a disciplina está o pau, e quando o pau se sente impotente, recorre ao porrete, à polícia, às prisões, ao exército, aos campos de concentração; e se você não se submete, se, ao contrário, continua questionando tudo, vem o massacre (FERRANTE, 2016, p. 274).

Mediante os trabalhos de Christine de Pizan, Virgínia Woolf e Elena Ferrante, faz-se um panorama de qual foi o lugar da mulher em face do trabalho de escritora, e de qual é este lugar nos dias que correm.



É substancial a presença da experiência da mulher na literatura, narrada a partir do seu próprio experimento. Sobretudo, é substancial a presença da experiência de todos os perfis de mulheres: nosso sexo nos aproxima da mesma sina premeditada, mas cada uma de nós é um conjunto de circunstâncias, experimentos e propósitos diferentes. Que estejamos, ainda, todas unidas.

### **Referências Bibliográficas**

- CALADO, Luciana. *A Cidade das Damas. A Construção da Memória Feminina no Imaginário Utópico de Christine de Pizan*. Recife, 2006.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro, Ouro Sobre Azul, 2014.
- FERRANTE, Elena. *A Amiga Genial*. São Paulo, Biblioteca Azul, 2015.
- FERRANTE, Elena. *História de Quem Foge e de Quem Fica*. São Paulo, Biblioteca Azul, 2016.
- FERRANTE, Elena. *História do Novo Sobrenome*. São Paulo, Biblioteca Azul, 2016.
- LEITE, Lucimara. *Christine de Pizan: Uma Resistência na Aprendizagem da Moral de Resignação*. São Paulo, 2010.
- WOOLF, Virgínia. *Mrs Dalloway*. São Paulo, L&PM, 2012.
- WOOLF, Virgínia. *Profissão Para Mulheres e Outros Artigos Feministas*. São Paulo, L&PM, 2012.
- WOOLF, Virgínia. *Um Teto Todo Seu*. São Paulo, Tordesilhas, 2014.

